

PRÉ-ESCOLA E O PRÉ-ESCOLAR, UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA À ENFERMAGEM NA SAÚDE INFANTIL

*Ricardo Burg Ceccim**

RESUMO: O artigo visa oportunizar aos profissionais da área de saúde, educação e promoção de saúde mental elementos para a discussão da criança pré-escolar e sua inserção social, enquanto permite uma ampliação de cada prática profissional específica e sua reformulação. Pretende-se um novo aporte à Enfermagem na Saúde Infantil pela compreensão sociológica do atendimento ao pré-escolar.

1. INTRODUÇÃO

A expansão quantitativa da educação pré-escolar através da rede privada vem se dando tanto no centro quanto na periferia das grandes cidades. Nos centros, através de escolas aparelhadas e pessoal habilitado profissionalmente, nas periferias através de obras assistenciais, voluntários e monitores (como os do MOBREAL).

A rede pública obedece a mesma distribuição, discriminando igualmente a origem de classe de sua clientela.

As escolas de centro compete promover o lazer orientado de crianças e iniciá-las nas letras e números; às escolas de periferia compete oferecer refeições, ocupar as crianças com algo melhor que "ficarem soltas pelas ruas" e estimulá-las sensorialmente, "pois provém de ambientes pobres em estímulos".

O apoio e o incentivo governamental para o ensino pré-escolar se deve à lógica da educação compensatória: compensar as carências intelectuais, psicológicas ou mentais para o ingresso na escola (prontidão para a alfabetização).

A pedagogia compensatória da pré-escola procura se legitimar numa concepção abstrata de criança que pretende corrigir a desigualdade social através da ação pedagógica, negando assim a própria desigualdade social (KRAMER⁶). Quando se fala de crianças é preciso que se pense nos filhos de uma classe ou de outra, que possuem diferentes ti-

*Enfermeiro, especialista em Educação, mestrando em Planejamento da Educação, desempenho de atividades profissionais em Pré-Escola (Porto Alegre — RS) e Saúde Pública (Viamão — RS.)

pos de socialização, diferentes origens culturais e diferentes papéis sociais.

Nesse sentido se observa duas redes de escola que distribuem a população conforme sua classe econômica de origem devido à relação social de produção.

2. A ETAPA EVOLUTIVA PRÉ-ESCOLAR

No tocante à pré-escola, a reprodução das relações sociais de produção sofre o agravante de atender crianças numa faixa etária de intenso desenvolvimento psicológico nos aspectos cognitivo e afetivo, na dimensão individual e social. Além disso, a criança precisa tomar decisões que derivam do conflito entre suas tendências autônomas inatas e as injunções recebidas do seu grupo familiar primário e as práticas do ritualismo escolar (regras de comportamento, normas, punições, recompensas, as "musiquinhas" da hora da merenda ou de guardar os brinquedos e outras horas disso e daquilo, etc.).

A família inicia o processo de castração energética da criança, depois a escola passa a ser o palco do controle e domesticação e, mais tarde, a empresa. Em todos os níveis são repassadas as formas de autoridade e a divisão social do trabalho da estrutura de sociedade da qual fazem parte.

Os estudos de etapas evolutivas mostram que a personalidade se desenvolve a partir da interação e comunicação entre o eu (conjunto de funções e organismo psíquico) e o mundo (conjunto de sujeitos e objetos) que o rodeia. O indivíduo atravessará fases de revisão dessas decisões, como na adolescência, na maturidade, e velhice, porém, por ocorrerem com base nas decisões das etapas anteriores, serão tanto mais limitadas quanto mais fortemente impostas tiverem sido aquelas.

3. O PAPEL DA PRÉ-ESCOLA

O programa pré-escolar nasce de uma dupla imposição: de um lado a necessidade dos pais que trabalham disporem de algum local para os cuidados de seus filhos, e de outro desenvolver aptidões e aquisições formais. De qualquer forma, mais cedo a criança toma contato com a instituição "e aí a grande interrogação: Não é o início, cada vez mais cedo, da reprodução das relações sociais de produção, até porque mais eficiente?

PATTO⁸, por exemplo, já escreveu que a teoria pseudocientífica da educação compensatória veio confirmar os preconceitos do senso

comum sobre o pobre e suas características, veiculando uma concepção ilusória da real tessitura de uma sociedade de classes que impede a percepção da pobreza em suas determinações econômicas, sociais, políticas e culturais.

Se as práticas atuais reproduzem a ideologia hegemônica, propostas alternativas poderão ser tão eficientes quanto aquelas, porém quanto mais forem contra-hegemônicas, maior a necessidade de revisão, discussão, confrontações, críticas e autocríticas com os companheiros de trabalho, alunos, pais de alunos e outros grupos afins.

A meta da pré-escola, mais que "preparar para a alfabetização" e "iniciar ao cumprimento do dever",* deveria estar centrada na oportunidade de oferecer às crianças novas alternativas frente ao mundo e mais dados de realidade para "desenvolver a autonomia" e "desenvolver a co-operação".

4. A PRÉ-ESCOLA E O PRÉ-ESCOLAR REVISITADOS

As regras, regulamentos e leis de uma sociedade complexa, determinam a ação esperada de cada um como alguma coisa que o antecede e que lhe é exterior (heteronomia). O desenvolvimento da autonomia se manifesta pela liberação ou pela recuperação de três capacidades, segundo BERNE²: consciência, espontaneidade e intimidade. A pessoa consciente sabe o que sente, onde está e o momento que vive, com espontaneidade está liberta da compulsão de agir conforme comportamentos pré-estabelecidos, optando pela ação mais adequada para si a cada momento, e, através da intimidade, é capaz de apaixonar-se, de entregar-se, de ser sincero e engajar-se.

Esta falta de autonomia é diferente nas diferentes classes sociais, como aparece em GRAMSCI⁵ quando diz que "o elemento popular 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe" (consciência); "o elemento intelectual 'sabe', mas nem sempre compreende e muito menos 'sente'. (. . .) O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa 'saber' sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado" (intimidade). A dimensão do fazer está ligada à espontaneidade, a afirmação da vontade-intencionalidade, poder de escolha e de expressão.

Não se trata, porém de suprimir integralmente toda a esfera de heteronomia das relações humanas, mas de subordiná-la à esfera da autonomia e de fazê-la servir à sua própria ampliação. Como refere GORZ⁴, sempre existirão tarefas que são necessidades socialmente de-

*Estes propósitos aparecem de forma clara em documentos da SEC—RS.

terminadas, inerentes à própria condição de vida em sociedade e imprescindíveis ao bom desempenho das atividades autogeridas. Essa parcela de trabalho heteronômico a ser desempenhado, que está dissociado do exercício da liberdade, por atender ao imperativo da necessidade e não da opção individual, precisa ser dividido, reduzido em sua carga horária e intercalado com atividades autônomas, instaurado nos princípios da cooperação.

Na cooperação reside o princípio da igualdade: autenticidade na comunicação e participação igualitária. Indivíduos autônomos e livres podem cooperar, superando os interesses individuais conflitantes e promovendo sua interação no mesmo espaço vital. Para LIMA⁷ os indivíduos devem organizar-se de tal forma que "todos os organismos da mesma espécie possam satisfazer suas necessidades, dentro do mesmo espaço vital, com o máximo de lucros e o mínimo de perdas para cada indivíduo".

A criança dentro da pré-escola poderá aprender a valorizar as suas necessidades e emoções e, da mesma forma qualificar os demais, aprender que a dominação ou a submissão não são adequadas. STEINER¹⁰ diz que os comentários das crianças precisam ser ouvidos e respondidos como reais e importantes, ao invés de perspicazes ou bonitos mas sem valor prático. Quando tratados assim mostram surpreendentes "insights" e capacidade de crescimento individual e do grupo. O problema, quando existe, é que os adultos falham em ser coerentes, porque não acreditam inteiramente na capacidade das crianças.

O fornecimento de informações claras e objetivas às crianças ao invés de desviar-lhes a atenção com outro brinquedo ou simplesmente repreendê-la, oportuniza a revisão de valores do adulto e permite a compreensão reflexiva das regras de convívio comum. Quando as regras são tornadas claras permitem seu cumprimento através da compreensão e aceitação e não a mera submissão à ordem adulta, daquele que tem poder de decisão e controle ou a sua rebeldia como forma de protesto à dominação. Se uma regra é sistematicamente infringida ou burlada há que se repensar a regra ou sua maneira de explicitação (CECCIM³).

O educador deve estar consciente que sua tarefa de socializar a criança para a autonomia e cooperação é formar um "ser político", isto é, formar um cidadão consciente, crítico, participativo. Para RODRIGUES⁹ ser político é "ser participante da pólis, da vida social e cultural", isto é, exercer o direito à cidadania (participar do processo decisório da direção da sociedade).

O educador pré-escolar coerente com um projeto de autonomia e cooperação não usará de controle (condutas autoritárias e impositi-

vas) com as crianças, dessa forma permitindo que a criança se expresse em sua essência. As atividades impostas tanto quanto a disciplina formal (uniforme, manter-se sentado na cadeira por muito tempo, a hierarquia) roubam autonomia à criança, enfraquecendo sua bateria energética.

O educador pré-escolar que desenvolve uma pedagogia libertadora se ocupará de seus alunos respeitando seu ritmo, seu tempo, seus processos, por isso condutas punitivas, comparações com outras crianças, fazer pela criança o que ela tem condições de fazer, porque ela é lenta ou desastrada ou qualquer outro motivo, chamá-las por adjetivos pejorativos (o comilão, o diabinho, o palhaço, etc.) e preconceitos (especialmente as discriminações sexuais, raciais e de classe) não terão lugar; a cultura e as experiências passadas por seus alunos serão resgatadas nas ações recentes.

A sociedade industrial-capitalista-consumista é maléfica à infância roubando-lhe o resgate do processo histórico de transformação da natureza, de apropriação, do conhecimento evolutivo e assimilação do ambiente natural como fonte de vida e saúde. Nossas crianças hoje respondem que laranja dá no supermercado e que leite vem do caminhão. Dá mesma forma respondem que trabalho é quando a gente está cansado e fica brabo pois os pais se justificam com "hoje trabalhei demais", etc.

O trabalho como exercício da liberdade, transformação da natureza em benefício da coletividade, afirmação da individualidade e vivência cooperativa esta longe de instalar-se como meta e possibilidade na mente de nossas crianças.

O atendimento a criança em idade pré-escolar pode ser dividido em 2 etapas principais, primeiro a faixa etária correspondente às chamadas classes de maternal e segundo a faixa correspondente às chamadas classes de jardim-de-infância. Ao maternal corresponde a experiência que decorre do contrato variado com o mundo em descobrimento e a presença de ambiente natural (gramado, árvores, animais, água corrente, etc). Ao jardim-de-infância corresponde, além da exploração do ambiente natural, a oferta de condições para o início do trabalho como atividade pedagógica fundamental, porque atividade humana fundamental, sendo introduzidas atividades mecânicas, intelectuais e artísticas organizadas que conduzem a escola primária que teriam o trabalho como centro.

5. A CONTRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO

O enfermeiro, além de funções de caráter prático (às vezes tomadas de forma excludente) exerce outras ligadas a produção de conhe-

cimentos e de tecnologia (pesquisa e ciência) e de produção da cultura (implicações psicossociais do exercício profissional, vida associativa, engajamento político).

Os profissionais e a formação acadêmica de enfermagem devem reconhecer a realidade nacional de maneira crítica e consciente a fim de propiciar uma concepção de desempenho profissional com responsabilidade social.

O exercício da enfermagem revela-se essencialmente político considerando-se a função educativa, diretiva e organizativa inerente ao desempenho profissional.

ANGERAMI & ALMEIDA¹ discutindo como o enfermeiro está inserido em seu "espaço" destacam que, como todo intelectual, o enfermeiro é um agente social e faz enfermagem em algum lugar social, faz uso de meios que a sociedade lhe oferece e produz conhecimentos e significações que são dotados de existência e destinação sociais determinadas. E neste sentido que a assistência de enfermagem precisa avaliar a interação dos fatores individuais e sociais e desenvolver o processo de enfermagem de forma não alienante e não alienada, seja nas situações de abordagem coletiva, seja na saúde individual.

Aliados aos conhecimentos clínicos e das necessidades e motivações de cada fase evolutiva da criança pré-escolar devem estar uma adequada leitura situacional (contexto individual, familiar e social); denúncia aos preconceitos, estereótipos e discriminações e o incentivo às diversas formas associativas (grupos de pais, de professores, de técnicos e até grupos de saúde que reúnem pais, professores, profissionais de saúde, representantes de recursos da comunidade envolvidos com a infância) além de engajar-se nas lutas (movimentos, associações, grupos) da categoria profissional.

Com consciência e organização em grupos, as ações se tornam mais potentes e capazes de recriar a visão de mundo.

E recomendável a participação do enfermeiro preparado para a assistência à saúde infantil na implantação de serviços de educação e assistência ao pré-escolar, no treinamento de professores de pré-escola com vistas a promoção de saúde integral do pré-escolar, aconselhamento a pais em aspectos de puericultura, educação para saúde e promoção de saúde mental, consulta de enfermagem em pediatria e puericultura e como integrante de qualquer equipe que vise o atendimento ao pré-escolar.

5. CONCLUSÃO

As crianças são naturalmente autênticas, espontâneas e cooperativas, por isso o trabalho com o pré-escolar é fornecer permissões sufi-

cientemente potentes para que as crianças possam desobedecer os mandos sociais e familiares de comando, controle, submissão, competição, manipulação, avidez, acumulação, etc. A liberdade não pode dissociar autonomia de cooperação. A liberdade é o domínio de si mesmo (consciência, espontaneidade, intimidade, presença) e respeito pelos demais (responsabilidade, cooperação).

Quanto mais coordenadas com a família, mais efetivas serão as atividades educativas propostas pelo professor ou especialistas. A conquista de envolvimento dos pais requer persistência, pois é necessário que os pais percebam o valor de sua contribuição, compreendam a fundamentação do trabalho e compartilhem da filosofia do serviço, construindo a estrutura educativa que a criança necessita.

A assistência de enfermagem à saúde infantil coloca o profissional em contato com pais, professores, profissionais de saúde e os recursos da comunidade oportunizando que o seu interesse pelo bem estar físico, orgânico, da criança se estenda ao comprometimento social de sua prestação, uma vez que o coloca em contato com outros que lidam com a criança, todos interferindo em seu processo de socialização.

SUMMARY: The article aims to provide professionals in the field of Health, Education and Mental Health promotion, elements for the discussion on the preschool child and his social insertion, while it allows an enlargement of each specific professional practice and its reformation. It also aims to give a new approach to Nursing in the Infantile Health by means of the sociological understanding of preschool care.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANGERAMI, Emília L.S. & ALMEIDA, Maria Cecília P. de. De como o enfermeiro está inserido no seu "espaço". *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 36(2): 123-9, abr.-maio-jun. 1983.
2. BERNE, Eric. *Os jogos da vida*. Rio de Janeiro, Artenova, sd. p.155-9.
3. CECCIM, Ricardo B. A educação pré-escolar como forma de desenvolvimento de adultos e crianças para a construção de um mundo novo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR (OMEP), 6, Anais. . . Porto Alegre, jan. 1985.

4. GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982. p.110-25.
5. GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p.9.
6. KRAMER, Sônia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Rio de Janeiro, Achiamê, 1982. p.15-47.
7. LIMA, Lauro de O. *Os mecanismos da liberdade* (microsociologia). São Paulo, Pólis, 1980. p.263-72.
8. PATTO, Maria Helena S. . Pré-escola: a criança, a família e o professor. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA INFANTIL, 7, Gramado. *A criança e o adolescente da década de 80*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.v.1. p.39-49.
9. RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola; o transitório e o permanente na educação*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985. p.84.
10. STEINER, Claude M. *O outro lado do poder*. São Paulo, Nobel, 1984. p.156-61.

Endereço do Autor: Ricardo Burg Ceccim
Author's Adress: Tv. Alberto Torres, 134/107
Cidade Baixa – Tel.: (0512) 25-07-98
90.050 – Porto Alegre – RS.